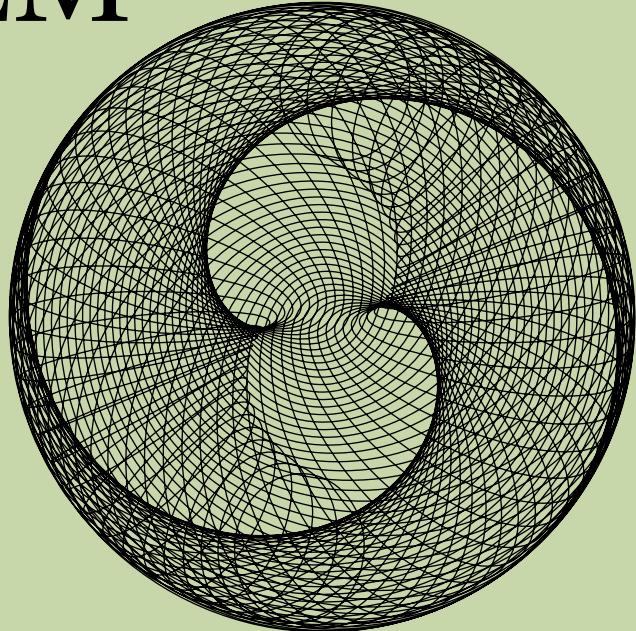


TEMPO EM CURSO



Publicação
eletrônica mensal
sobre as desigualdades de
cor ou raça e gênero no mercado
de trabalho metropolitano brasileiro

Ano II; Vol. 2; nº 2, Fevereiro, 2010

(Indicadores de desemprego e de subocupação)

1. Apresentação

Com o presente número, o LAESER dá continuidade ao boletim eletrônico "Tempo em Curso", já em seu segundo ano e quarta edição. Os indicadores desta publicação são os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mensalmente, em seu portal (www.ibge.gov.br).

Conforme havia sido indicado no primeiro número do "Tempo em Curso", cada edição desta publicação, além da atualização dos indicadores de Rendimento Habitual Médio do Trabalho Principal e do Desemprego, será dedicada a um tema diferenciado, tal como segue abaixo:

- Mês 1 – Posição na Ocupação e Ramo de Atividade Econômica
- Mês 2 – Rendimentos do trabalho
- Mês 3 – Evolução da ocupação e do desemprego

Portanto, neste presente número da publicação "Tempo em Curso", o tema central será o da ocupação, com ênfase sobre o perfil do desemprego e da subocupação. Vale salientar que os indicadores que serão comentados são referentes ao último mês de 2009.

2. Reflexões Gerais Sobre a Conjuntura Econômica no Começo de 2010 e Reflexos Para a População Afrodescendente (tabelas 1 e 2)

Conforme foi possível verificar nas três primeiras edições do "Tempo em Curso", o ano de 2009 foi marcado pelos efeitos da crise econômica mundial sobre o Brasil.

Como efeito da crise, o mercado de trabalho metropolitano brasileiro se viu impactado ao longo do primeiro semestre, quando os indicadores de rendimento do trabalho tenderam à redução (queda em termos reais de 2,4% para a População Economicamente Ativa (PEA) metropolitana em seu conjunto, entre maio e janeiro), e o de desemprego, ao contrário, tendeu à elevação (aumento de 0,6 pontos percentuais para a PEA metropolitana no mesmo período).

Posteriormente, os esforços adotados pelos formuladores de políticas econômicas do governo federal, no sentido de mitigar a crise, através de mecanismos fiscais (gasto público) e monetários (juros e crédito), acarretaram efeitos positivos sobre o mercado de tra-

balho metropolitano brasileiro. Deste modo, na comparação entre dezembro de 2008 e dezembro de 2009, o rendimento habitual médio da PEA metropolitana apresentou ligeira elevação de 0,7% e a taxa de desemprego voltou ao mesmo patamar do ponto de partida, ou seja, 6,8%. Todavia, talvez ainda seja cedo para se vislumbrar uma completa recuperação da economia, nem da brasileira, e muito menos da mundial.

A economia mundial ingressa o ano de 2010 com sérias ameaças, a começar pelos riscos iminentes que pairam sobre a Comunidade Européia, por conta das sérias crises fiscais e financeiras que assolaram países que fazem parte da zona do euro, especialmente Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, que já vêm sendo ironicamente chamados no mercado financeiro de PIIGS.

Também contam como plausíveis fontes de incerteza as recentes decisões de aperto ao crédito por parte do governo da China e as dificuldades ainda enfrentadas pela economia norte-americana, neste caso colocando em risco até mesmo o futuro político do governo de Barack Obama.

O movimento de especulação com divisas (moeda estrangeira) que veio ocorrendo no Brasil durante o começo deste ano (evidenciado pela recente valorização da moeda norte-americana) sugere que o país não está totalmente blindado diante das crises econômicas e financeiras que vieram ocorrendo pelo mundo afora. Para além do cenário internacional, há de se listar também as próprias eleições, que costumam de uma forma ou de outra afetar o desempenho de vários indicadores macroeconômicos e de investimentos.

Não obstante, enquanto não forem acordados pactos internacionais de uma nova governança financeira e sobre o movimento de capitais (especialmente o especulativo), dificilmente o mundo conseguirá encontrar um ciclo de desenvolvimento econômico e – dependendo da qualidade deste eventual pacto – redistribuição de renda. E tal contexto de incerteza pode voltar a impactar o mercado de trabalho brasileiro ao longo deste ano de 2010, incluindo os distintos grupos de cor ou raça que dele participam.

Ao longo dos três primeiros números do "Tempo em Curso", evidenciou-se que os diferentes grupos de cor ou raça atuam de forma diferenciada no mercado de trabalho metropolitano brasileiro, especialmente quan-

do medidas em termos de formas de posição na ocupação e agrupamentos de atividades econômicas.

Este comportamento diferenciado, por um lado, expressa em grande medida o próprio modo dinâmico do racismo à brasileira, que classifica e hierarquiza as pessoas de acordo com a cor de suas peles e outros traços fenotípicos. Assim, para fins do que trata esta publicação eletrônica, este modelo de relações raciais abre e fecha portas para determinados tipos de vínculos com o mercado de trabalho para os diferentes grupos. Conforme visto na última edição do "Tempo em Curso", os pretos & pardos são minoria no setor industrial de transformação, nos serviços prestados às empresas e na administração pública. Já na construção civil e no emprego doméstico, aquele grupo forma uma visível maioria.

Desta forma, a hipótese assumida por esta publicação é que os diferentes modos de vínculo com o mercado de trabalho (expressão ao menos parcial do racismo à brasileira), por parte dos diferentes grupos de cor ou raça, vão se consorciar com os ciclos da conjuntura econômica, ampliando ou reduzindo as assimetrias de cor ou raça e sexo medidas através de um amplo conjunto de indicadores.

Assim, quatro meses após seu primeiro número, fica patente, o quanto complexo e concomitantemente necessário, é o exercício de busca de entendimento dos

contextos econômicos conjunturais sobre os grupos de cor ou raça no Brasil. Este exercício, na verdade, espelha à própria forma pela qual as assimetrias vão evoluindo ao longo do tempo, e se constituiu como um instrumento fundamental no processo de construção das políticas de igualdade racial.

3. Rendimento Habitual Médio do Trabalho Principal (tabela 1)¹

No mês de dezembro de 2009, o Rendimento Habitual Médio do Trabalho Principal da PEA residente nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras (da mais ao Norte, para a mais ao Sul: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), em R\$, foi de 1.344,40. Este valor, comparativamente ao mesmo mês do ano anterior, foi 0,9% inferior. Na comparação com o mês de dezembro de 2008, conforme já mencionado, ocorreu uma ligeira redução em termos reais de 0,7%.

No mês de dezembro de 2009, o Rendimento Habitual Médio do Trabalho Principal dos trabalhadores brancos foi de R\$ 1.708,20 e o dos trabalhadores pretos & pardos foi de R\$ 895,11. O mesmo indicador, na PEA branca do sexo masculino, correspondeu a R\$ 1.968,36. Na PEA branca do sexo feminino, o Rendimento Habitual Médio foi de R\$ 1.405,64. Entre os trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino, aquele mesmo indicador foi de R\$ 1.017,72 e, do sexo feminino, de R\$ 742,12.

Tabela 1 – Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, dez / 08 – dez / 09, (em R\$ – dez 09, INPC)

	2008		2009											
	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Homens Brancos	1.983,33	2.033,36	2.051,22	2.004,12	1.992,98	1.936,42	1.950,92	1.964,28	1.976,46	1.985,82	1.987,39	1.997,84	1.968,36	
Mulheres Brancas	1.349,97	1.401,32	1.385,73	1.404,89	1.403,23	1.395,21	1.381,59	1.376,33	1.389,91	1.391,18	1.393,98	1.413,45	1.405,64	
Brancos	1.694,98	1.747,25	1.751,91	1.732,84	1.726,02	1.690,13	1.688,26	1.694,24	1.704,75	1.711,63	1.714,00	1.727,57	1.708,20	
Homens Pretos & Pardos	972,03	985,28	977,94	995,16	984,7	1001,65	977,95	985,24	997,81	1006,92	1.026,79	1.014,02	1.017,72	
Mulheres Pretas & Pardas	727,77	727,8	721,6	736,75	719,81	716,17	719,77	743,29	746,35	758,64	738,75	734,16	742,12	
Pretos & Pardos	865,79	873,39	866,62	883,71	870,37	878,28	866,32	879,39	887,83	897,61	899,87	890,31	895,11	
PEA Total	1.334,55	1.363,73	1.361,78	1.359,29	1.349,45	1.334,90	1.330,36	1.337,38	1.350,08	1.357,98	1.357,77	1.356,64	1.344,40	

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

¹ Nas planilhas originais onde foram realizados os cálculos das diferenças entre os grupos de cor ou raça trabalhou-se com números relativos com duas casas decimais. Porém, para simplificar a exposição os indicadores foram apresentados com apenas uma casa decimal. Quando da mensuração das assimetrias de cor ou raça, tal fato poderá acarretar em pequenos desvios em relação aos cálculos finais, tal como expostos no texto, comparativamente aos números apresentados nas distintas tabelas.

No mês de dezembro de 2009, nas seis maiores RMs brasileiras, a diferença na remuneração habitual média dos brancos, em relação aos pretos & pardos, foi de 90,8%. Tal diferença correspondeu a uma redução em 3,2 pontos percentuais em relação ao mês de novembro do mesmo ano (quando as desigualdades de cor ou raça foram de 94%). Na comparação anual, ou seja, comparando-se ao quadro vigente em dezembro de 2008 (quando as desigualdades de cor ou raça foram de 95,8%), ocorreu uma redução nas assimetrias de cor ou raça em 5 pontos percentuais.

Apresentando este comportamento, observa-se que não ocorreu uma continuidade do movimento de elevação das assimetrias de cor ou raça, tal como registrado em novembro. Assim, dezembro de 2009 foi onde ocorreu a terceira menor diferença relativa no Rendimento Habitual Médio entre brancos e pretos & pardos, ficando atrás somente do acontecido em setembro e outubro deste ano. Uma hipótese a ser aventada neste caso, para explicar este movimento, pode ter sido os efeitos positivos sobre a ocupação, tal como costuma ocorrer nesta época do ano, talvez gerando maiores oportunidades de rendimento das categorias do setor informal (especialmente o pequeno comércio, mas, também a construção civil e o emprego doméstico), onde os pretos & pardos são predominantes.

Quando lido de forma decomposta pelos grupos de sexo, verificou-se que, em dezembro de 2009, as assimetrias no Rendimento Habitual Médio entre os homens brancos, em comparação aos pretos & pardos, foram de 93,4%, favoráveis aos primeiros. A compara-

ção do mesmo indicador entre as mulheres brancas, de um lado, e pretas & pardas, de outro, revelou que as desigualdades foram de 89,4%.

Na comparação entre dezembro de 2009 com o mesmo período do ano anterior, entre os homens, ocorreu uma significativa queda nas assimetrias de cor ou raça, em 10,6 pontos percentuais. No caso das mulheres, inversamente, ocorreu uma elevação nas assimetrias, em 3,9 pontos percentuais. Na comparação entre dezembro de 2009 com o mês de novembro do mesmo ano, ocorreram reduções das assimetrias de cor ou raça: 3,6 pontos percentuais, na comparação dos homens brancos com os homens pretos & pardos; e de 3,1 pontos percentuais, na comparação entre as mulheres brancas com as mulheres pretas & pardas.

No mês de dezembro de 2009, a diferença na remuneração habitual média dos homens brancos e das mulheres pretas & pardas foi 165,2% superior em benefício dos primeiros. Na comparação entre os homens pretos & pardos com as mulheres brancas, verificou-se que a remuneração habitual dos primeiros era 27,6% inferior à remuneração habitual das segundas.

4. Evolução da taxa de desemprego (tabela 2)

Conforme já mencionado, no mês de dezembro de 2009, nas seis maiores RMs brasileiras, a taxa de desemprego alcançou 6,8%. Com isso, deu-se sequência à série de reduções neste indicador, tal como já vinha ocorrendo desde o mês de setembro.

Tabela 2 – Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, nov / 08 – nov / 09 (em %)

	2008		2009											
	Dez	Jan	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Homens Brancos	4,6	5,7	6,2	6,6	6,4	6,7	5,8	5,7	5,6	5,3	5,1	4,9	4,6	
Mulheres Brancas	7,2	8,5	9,2	10,0	9,7	9,3	8,1	7,8	8,3	7,9	7,7	7,6	7,0	
Brancos	5,8	7,0	7,6	8,2	7,9	7,9	6,9	6,7	6,9	6,5	6,3	6,2	5,7	
Homens Pretos & Pardos	6,0	7,0	7,4	8,1	8,3	8,0	7,9	7,7	7,7	7,5	7,0	6,7	6,4	
Mulheres Pretas & Pardas	10,6	12,8	12,3	12,6	12,6	12,6	12,0	11,9	11,9	11,2	11,4	11,2	10,2	
Pretos & Pardos	8,1	9,6	9,6	10,1	10,2	10,1	9,7	9,6	9,6	9,2	9,0	8,8	8,1	
PEA Total	6,8	8,2	8,5	9,0	8,9	8,8	8,1	8,0	8,1	7,7	7,5	7,4	6,8	

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Em dezembro de 2009, a taxa de desemprego da PEA branca foi de 5,7%, ao passo que a da PEA preta & parda foi de 8,1%. Na verdade, expressando a paulatina recuperação da economia brasileira, desde o mês de agosto, esta taxa vem caindo seguidamente entre ambos os grupos.

A taxa de desemprego dos homens brancos, em dezembro de 2009, foi de 4,6%, ao passo que o mesmo indicador, na PEA preta & parda do sexo masculino foi de 6,4%. Comparativamente ao mês de novembro de 2009, a taxa de desemprego dos homens brancos caiu 0,3 ponto percentual. No mesmo período, a taxa de desemprego dos homens pretos & pardos também declinou 0,3 ponto percentual. No comparativo com dezembro de 2008, a taxa de desemprego dos homens brancos se manteve igual, em 4,6%; e a dos homens pretos & pardos aumentou em 0,4 ponto percentual.

A taxa de desemprego das mulheres brancas, em dezembro de 2009, foi de 7%. Já a das mulheres pretas & pardas manteve a costumeira propensão a se manter mais elevada em relação aos demais grupos, tendo sido de 10,2%, jamais sendo inferior a este patamar durante todo o ano. Assim, em termos proporcionais, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas apresentou-se 122,6% superior à mesma taxa dos homens brancos; 45,2% superior à das mulheres brancas; e 59,3% superior à dos homens pretos & pardos.

Entre as mulheres brancas, a taxa de desemprego veio declinando seguidamente desde setembro de 2009 (quando chegou a 7,9%). Assim, comparativamente a novembro de 2009, a taxa de desemprego deste grupo, em dezembro de 2009, diminuiu 0,6 ponto percentual. Em comparação com dezembro de 2008, o mesmo indicador declinou 0,2 ponto percentual. No caso das trabalhadoras pretas & pardas, a taxa de desemprego em dezembro de 2009, comparada a novembro do mesmo ano, regrediu um ponto percentual. Na comparação entre novembro de 2009 e de 2008, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas caiu 0,4 ponto percentual.

5. Composição do desemprego segundo tempo de duração (tabela 3)

Na tabela 3, é visto o comportamento do desemprego nas seis maiores RMs brasileiras de acordo com o tempo de procura por ocupação segundo os grupos de cor ou raça e sexo, nos meses de dezembro de 2008 e dezembro de 2009. Durante estas duas pontas no

tempo, o número de desempregados naquelas regiões aumentou 1,6%.

No mês de dezembro de 2009, no somatório da PEA desempregada nas seis maiores RMs brasileiras, 23,2% procuravam ocupação há menos de um mês; 45,5% o faziam entre um e seis meses; 11,8% o faziam entre sete meses e um ano; 11,6% entre um e dois anos; e 8% há mais de dois anos.

Na PEA branca, o número total de desempregados, entre dezembro de 2008 e de 2009, declinou 3,3%. O percentual dos desempregados deste grupo que procurava ocupação há menos de um mês foi de 18,3%; e os que buscavam há mais de dois anos, 7,7%. A PEA preta & parda desempregada, naquele mesmo período, aumentou 6,1%. Na PEA preta & parda desempregada, o percentual dos que procuravam ocupação há menos de trinta dias foi de 27%; e a mais de dois anos, 8,3%.

Quando os indicadores acima são igualmente decompostos pelos grupos de sexo, observa-se que o comportamento dos quatro grupos de cor ou raça e sexo apresentam clivagens.

Entre dezembro de 2008 e de 2009, o contingente de cor ou raça branca do sexo masculino que se encontrava desempregado foi reduzido em 3,7%. No mesmo período, o indicador entre pretos & pardos do sexo masculino aumentou significativos 10,7%. No contingente feminino, entre as brancas, o número de desempregadas foi reduzido em 3%. Já na PEA preta & parda do sexo feminino, o número de desempregadas cresceu 2,9%.

Na PEA branca do sexo masculino desempregada, 19,2% se encontrava neste índice há menos de um mês; 46,1% entre um e seis meses; 16,9%, entre sete e onze meses; 9,5% entre um a dois anos; e 8,2% há mais de dois anos. Na PEA preta & parda do sexo masculino que estava desempregada, 28,5% procuravam ocupação há menos um mês; 43,8%, entre um e seis meses; 9,6% entre sete e onze meses; 11,3% entre um e dois anos; e 6,9% há mais de dois anos.

No contingente do sexo feminino, entre as brancas desempregadas, 17,6% buscavam ocupação há menos de um mês; 52% há um e seis meses; 11,2% há sete e onze meses; 11,7% entre um e dois anos; e 7,4% há mais de dois anos. Na PEA preta & parda do sexo feminino que estava desempregada, a composição do tempo de busca por ocupação segundo o tempo de duração da pro-

Tabela 3 - PEA desempregada residente nas seis maiores RMs, por tempo de duração da procura por emprego, Brasil, dez / 08 e dez / 09 (em número de trabalhadores desempregados)

	30 dias	31 dias a 6 meses	7 a 11 meses	1 a 2 anos	2 anos ou mais	Total
Homens Brancos						
Dez 2008	81.880	152.759	31.743	28.673	14.230	309.285
Dez 2009	57.315	137.377	50.328	28.407	24.448	297.875
Mulheres Brancas						
Dez 2008	93.636	202.485	43.804	44.089	36.723	420.737
Dez 2009	71.886	212.090	45.892	47.902	30.218	407.988
Brancos						
Dez 2008	175.516	355.244	75.547	72.761	50.953	730.021
Dez 2009	129.202	349.466	96.220	76.309	54.666	705.863
Homens Pretos & Pardos						
Dez 2008	85.804	173.971	23.645	36.794	19.137	339.351
Dez 2009	106.961	164.440	35.889	42.555	25.804	375.649
Mulheres Pretas & Pardas						
Dez 2008	114.708	243.049	45.580	48.790	36.649	488.776
Dez 2009	130.216	205.895	54.474	65.557	46.775	502.917
Pretos & Pardos						
Dez 2008	200.512	417.020	69.225	85.584	55.786	828.127
Dez 2009	237.177	370.335	90.363	108.112	72.579	878.566
Homens Total						
Dez 2008	168.663	328.936	55.388	65.467	33.366	651.820
Dez 2009	166.371	302.263	86.976	70.961	50.253	676.824
Mulheres Total						
Dez 2008	210.330	447.140	90.724	92.879	73.923	914.996
Dez 2009	202.102	421.508	100.366	113.798	76.993	914.767
PEA Total						
Dez 2008	378.993	776.076	146.112	158.346	107.289	1.566.816
Dez 2009	368.473	723.771	187.342	184.760	127.245	1.591.591

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, micrdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

cura foi de: 25,9%; há menos de um mês; 40,9%, entre um e seis meses; 10,8%, entre sete e onze meses; 13%, entre um e dois anos; e 9,3% mais de dois anos.

A desagregação do indicador da composição da população desempregada segundo o tempo de procura por ocupação também pode ser lida dentro de sua distribuição interna, segundo os grupos de cor ou raça e sexo. Assim, para que os indicadores possam ser bem compreendidos, é necessário saber preliminarmente a composição de cor ou raça e sexo da PEA das seis maiores RMs brasileiras em dezembro de 2009.

Homens, 53,5%; mulheres, 46,5%. Homens brancos, 27,9%; mulheres brancas, 24,9%; brancos de ambos os sexos, 52,8%. Homens pretos & pardos, 25,2%; mulheres pretas & pardas, 21,2%; pretos & pardos de ambos os sexos, 46,3%. Vale frisar que a diferença do somatório dos grupos de cor ou raça e sexo em relação a 100% é decorrente da presença da PEA amarela, indígena e de cor ou raça ignorada, não comentadas no “Tempo em Curso” pela baixa densidade amostral.

Assim, na população desempregada como um todo, naquele mesmo mês de dezembro de 2009, os brancos perfaziam 44,3%, e os pretos & pardos, 55,2%. Ou seja, ao passo que a desproporção entre a participação relativa dos trabalhadores brancos na PEA como um todo e na PEA desempregada era inferior, em 8,5 pontos percentuais, no caso dos trabalhadores pretos & pardos era superior, em 8,9 pontos percentuais. Dito de outro modo, havia uma sobrerepresentação da presença preta & parda na PEA desempregada vis-à-vis à PEA como um todo.

Mantendo o mesmo raciocínio anterior, agora, também com a decomposição dos grupos de sexo, observa-se que a presença da PEA preta & parda do sexo masculino na PEA desempregada era de 23,6%. Isto é, neste caso, os homens pretos & pardos estavam mais representados na PEA como um todo do que na PEA desempregada. Portanto, eram as mulheres pretas & pardas que apresentavam as maiores desproporções entre sua presença na PEA desempregada (31,6%) e na

PEA como um todo (21,2%), na verdade, em mais de 10 pontos percentuais. Em tempo, embora com menor distância, também ocorria uma sobrerepresentação das mulheres brancas na PEA desempregada (25,6%) e na PEA como um todo (24,9%).

Quando se decompunha o indicador acima para a distribuição da população desempregada por tempo de procura por emprego, observava-se que mantinha-se a sobrerepresentação das mulheres pretas & pardas na PEA. Assim, em todas as faixas de tempo por procura de emprego, o grupo de cor ou raça e sexo modal eram as pessoas deste último conjunto: procura por emprego até 30 dias, 35,3%; entre um e seis meses, 28,4%; de sete a onze meses, 29,1%; entre um e dois anos, 35,5%; dois anos ou mais, 36,8%.

Lido por outro ângulo, considerando-se apenas a PEA que procurava ocupação a partir de um mês; a presença relativa das mulheres pretas & pardas na população desempregada crescia proporcionalmente ao maior tempo de procura por ocupação.

6. Indicadores de subocupação (tabelas 4 e 5)

Na presente seção serão comentados os indicadores de subocupação da PEA ocupada nas seis maiores RMs brasileiras. Assim, serão comentados dois indicadores. Subocupação por Insuficiência de Horas Trabalhadas, o que significa que a pessoa trabalhou menos de 40 horas em todos os trabalhos na semana de referência, porém estando disponível para

assumir uma carga horária superior. Já a Subocupação por Trabalho Sub-Remunerado corresponde à população com rendimento/horário inferior ao Salário Mínimo/horário no mês de referência da pesquisa (cerca de R\$ 2,11).

De acordo com os indicadores contidos nas tabelas 4 e 5, da PEA ocupada nas seis maiores RMs brasileira, em dezembro de 2009, 3% encontrava-se subocupada por insuficiência de jornada de trabalho, e 16,6%, encontrava-se subocupada por insuficiência de remuneração. Em outras palavras, considerando a PEA ocupada como um todo, havia cerca de cinco vezes mais trabalhadores labutando com valor da remuneração horária inferior ao Salário Mínimo do que os que estavam subocupados por insuficiência de jornada de trabalho.

Comparativamente a dezembro de 2008, houve um ligeiro recuo, de 0,1 ponto percentual, no índice de subocupados por insuficiência de jornada de trabalho. Já em relação à subocupação por insuficiência de rendimento, ocorreu uma elevação de 1,3 ponto percentual.

Ao se analisar o indicador da subocupação por insuficiência de jornada de trabalho pelos grupos de cor ou raça e sexo, percebe-se que no mês de dezembro de 2009, 2,6% da PEA branca ocupada, e 3,5% da PEA preta & parda ocupada encontravam-se naquela condição. Na comparação com dezembro de 2008, em ambos os casos, ocorreram ligeiros recuos na proporção de trabalhadores subocupados: brancos, 0,2 ponto percentual; pretos & pardos, 0,1 ponto percentual.

Tabela 4 – Pessoas subocupadas trabalhando efetivamente menos de 40 horas, em todos os trabalhos, nas seis maiores RMs, Brasil, dez / 08 e dez / 09 (em % sobre o número total de ocupados)

	Dez 2008	Dez 2009
Homens Brancos	2,0	1,9
Mulheres Brancas	3,7	3,5
Brancos	2,8	2,6
Homens Pretos & Pardos	2,4	2,4
Mulheres Pretas & Pardas	5,0	4,9
Pretos & Pardos	3,6	3,5
Homens Total	2,2	2,1
Mulheres Total	4,3	4,1
PEA Total	3,1	3,0

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tabela 5 – Pessoas ocupadas sub-remuneradas em todos os trabalhos, nas seis maiores RMs, Brasil, dez / 08 e dez / 09 (em % sobre o número total de ocupados)

	Dez 2008	Dez 2009
Homens Brancos	7,9	8,4
Mulheres Brancas	12,6	13,2
Brancos	10,0	10,6
Homens Pretos & Pardos	18,4	19,7
Mulheres Pretas & Pardas	27,1	28,9
Pretos & Pardos	22,2	23,8
Homens Total	12,6	13,6
Mulheres Total	18,7	20,2
PEA Total	15,3	16,6

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Na decomposição dos indicadores de subocupação por insuficiência de jornada de trabalho, também pelos grupos de sexo, observou-se que, em dezembro de 2009, o peso desta condição, sobre o total de ocupados foi de: homens brancos, 1,9%; homens pretos & pardos 2,4%; mulheres brancas, 3,5%; mulheres pretas & pardas, 4,9%.

Na tabela 5, vê-se o peso da subocupação sobre a PEA ocupada por insuficiência de rendimento nas seis maiores RMs brasileiras.

Em dezembro de 2009, na PEA branca ocupada, o peso relativo dos subocupados por insuficiência de remuneração foi de 10,6%. Já na PEA preta & parda, o mesmo indicador correspondeu a 23,8%, ou seja, mais do que o dobro.

Quando o indicador de subocupação leva em consideração a dimensão de gênero, observa-se que o seu peso relativo era de 8,4%, entre os homens brancos; de 19,7%, entre os homens pretos & pardos; de 13,2%,

entre as mulheres brancas; e de 28,9%, entre as mulheres pretas & pardas. Ou seja, levando-se em consideração os respectivos percentuais, a diferença do peso da subocupação por insuficiência de remuneração das mulheres pretas & pardas, vis-à-vis os homens brancos, era cerca 3,5 vezes superior.

Desta forma, juntando-se os indicadores vistos ao longo desta seção com os índices analisados ao longo desta edição do "Tempo em Curso", pode-se perceber que as desigualdades de cor ou raça estão presentes nos mais diversos aspectos do mercado de trabalho.

No caso das mulheres pretas & pardas em específico, ao menos se levando em conta o cenário vigente ao longo do ano de 2009, pode-se concluir que, comparativamente aos outros grupos de cor ou raça, aquelas recebem remunerações francamente menores, enfrentam taxas de desemprego substancialmente maiores, além de estarem mais sujeitas, quando ocupadas, às formas de vínculo com o mercado de trabalho mais precárias e instáveis.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão

Programação de indicadores estatísticos

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadora assistente

Irene Rossetto Giaccherino

Bolsista de Graduação

Bianca Angelo Andrade (PBICT – CNPq)

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Coordenação Estatística

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadores Assistentes

Cléber Julião

Fabiana Montovanele de Melo

Irene Rossetto Giaccherino

Rodrigo Martins

Sandra Regina Ribeiro

Coordenação dos Cursos de Extensão

Azilda Loretto

Sandra Regina Ribeiro

Bolsistas de Graduação

Bianca Angelo Andrade (PBICT – CNPq)

Elisa Alonso Monçores (PBICT – CNPq)

Elaine Carvalho – Curso de Extensão (UNIAFRO)

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração Eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford

